

**PERFIL DA POPULAÇÃO CANINA DIAGNOSTICADA COM PIOMETRA
ATENDIDA NA UNIDADE HOSPITALAR VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO CEARÁ NO PERÍODO DE JANEIRO A AGOSTO DE 2012**

Luana Teles RAMOS¹

Ana Karine Rocha de Melo LEITE^{2*}

Resumo

Piometra é o processo inflamatório purulento uterino, resultante da prolongada estimulação hormonal associada à infecção bacteriana. Avaliou-se o perfil da população canina diagnosticada com piometra atendida na unidade hospitalar (UH) da Universidade Estadual do Ceará. Realizou-se um levantamento de prontuários e selecionados casos de cadelas com piometra diagnosticados cirurgicamente. Quanto à idade, cadelas adultas e idosas foram as mais acometidas, sendo a do tipo aberta mais prevalente. A maioria não fez uso de contraceptivos. Conclui-se que a piometra é uma realidade na UH, principalmente em cadelas adultas e idosas, com tipo aberta mais prevalente. O uso de contraceptivos foi mínimo.

Palavras-Chave: cadela, piometra, epidemiologia, unidade hospitalar, Fortaleza.

Abstract

Pyometra is the purulent uterine inflammatory process resulting from prolonged hormonal stimulation associated with bacterial infection. Evaluated the profile of the canine population diagnosed with pyometra met at the hospital (UH) of the State University of Ceará. We conducted a survey of records and selected cases of dogs with surgically diagnosed pyometra. Regarding age, adult dogs for the elderly were the most affected, with the most prevalent type open. Most did not use contraceptives. It is concluded that the reality is a pyometra UH, especially in the elderly adult dogs with more prevalent open type. Contraceptive use was minimal.

Keywords: bitch, pyometra, epidemiology, hospital unit, Fortaleza

¹Patologista Clínica do Centro Diagnóstico Veterinário-CDV, Fortaleza, Ceará, Brasil.

²Médica Veterinária e Docente da Faculdade CISNE Avenida Dr Antonio Moreira Magalhaes, 457 - Estr. do Algodão - Jardim Monolitos, Quixadá - Ceará, Brasil e colaboradora no Laboratório de Imunologia e Bioquímica Animal (LIBA) da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil. Avenida Paranjana, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza, CE, Brasil-CEP 60.714-903, E-mail: karinemelo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A piometra caracteriza-se por um processo inflamatório uterino com a presença de secreção purulenta no lúmen, geralmente decorrente de hiperplasia endometrial cística (HEC) associada à infecção bacteriana. É a desordem endometrial mais incidente e importante observada em cadelas, sendo uma doença rotineira na prática clínica de pequenos animais (WANKE & GOBELLO, 2006).

A sua etiopatogenia não está completamente elucidada. Porém, acredita-se que esteja associada a uma disfunção uterina relacionada com um desequilíbrio na resposta do endométrio à progesterona. Portanto, o seu estabelecimento depende da influência hormonal, da virulência bacteriana e da resposta imunológica de cada animal frente a infecção (COUTO & NELSON, 1998). Sabe-se que a ocorrência dessa doença pode estar relacionada com a idade da paciente, número de ciclos estrais e alterações ovarianas (FIENI, 2006).

Os sinais clínicos em cadelas acometidas são normalmente observados de um a dois meses após o último estro e podem incluir: letargia, febre, anorexia, perda de peso, emese, poliúria, polidipsia, distensão da região abdominal e corrimento vulvar, este último no caso de piometra aberta. A doença pode evoluir para choque séptico, resultando em morte (SHAW & IHLE, 1999). O diagnóstico presuntivo é sugestionado pela história clínica e pelos achados físicos, porém se preconiza sua comprovação através de exames complementares como: laboratoriais, radiográficos e ultrassonográficos (FELDMAN & NELSON, 2005). Também podem ser utilizadas como instrumento de auxílio a citologia vaginal, dosagem hormonal e cultura vaginal (HENDRIX, 2006).

O tratamento da piometra pode ser cirúrgico, por meio do procedimento de ovariosalpingohisterectomia (FIENI, 2006) ou conservativo. A conduta terapêutica depende da gravidade do quadro clínico, tipo de piometra, idade da paciente, finalidade produtiva, restrições à anestesia e a presença de cistos ovarianos (VERSTEGEN et al., 2008). Preconiza-se que independente da escolha do tipo de tratamento, ele deve ser imediato e agressivo, pois a septicemia pode estar presente ou em desenvolvimento (ROOTWELT et al., 2006).

Sabendo-se que a piometra é uma infecção uterina que acomete animais de várias idades, sendo de alta prevalência na clínica veterinária, podendo ser fatal, associada ao fato de que existem poucos dados da literatura referentes à distribuição e tipo dessa enfermidade na população canina de Fortaleza, Ceará, faz-se necessário um estudo epidemiológico nessa região. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo investigar a casuística de cadelas com piometra na Unidade Hospitalar da Universidade Estadual do Ceará, associando a variáveis que contribuem para o seu desenvolvimento.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um levantamento de todos os prontuários da Unidade Hospitalar Veterinária (UHV) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), referentes ao período compreendido entre os meses de janeiro a agosto de 2012, totalizando-se 57 casos diagnosticados de piometra canina. O diagnóstico dessa enfermidade foi realizado através da avaliação de achados clínicos durante a anamnese e exame físico como: febre, aumento da região abdominal, presença ou não de secreção vaginal, apatia e anorexia. Histórico de cio e aplicação de anticoncepcional recentemente também foram considerados.

Os animais suspeitos foram encaminhados para procedimento cirúrgico de ovariosalpingohisterectomia para confirmação do diagnóstico e tratamento emergencial. As variáveis consideradas foram: idade, tipo de piometra (aberta ou fechada) e uso de anticoncepcionais. A análise dos dados obtidos foi descritiva, sendo plotados em planilhas do programa Microsoft Excel Office 2010, sendo expressos em percentuais e gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dados da literatura mostram que a piometra pode ser observada em qualquer idade, desde que a cadela tenha previamente apresentado cio (GILBERT, 1992; NISKANEN & THRUSFIELD, 1998). Estudos mostram também que há uma maior incidência dessa enfermidade em cadelas nulíparas e em cadelas com idade acima de 4 anos (CHASTAIN et al., 1999). Dessa forma, nesse estudo, inicialmente observou-se a distribuição percentual de cadelas diagnosticadas com piometra quanto à idade. Verificou-se que dentre os

animais avaliados, dez cadelas jovens (até 3 anos) apresentaram piometra, perfazendo um percentual de 17,55%; adultas (de 3 anos a 7 anos) contribuíram com 40,35% e idosas (a partir de 8 anos) com 42,10% (Figura 1). Esses achados demonstram uma maior frequência de piometra em cadelas adultas a idosas. Resultado semelhante foi observado em um trabalho realizado em Botucatu, São Paulo, durante o período de 2003 a 2008, onde se observou uma idade média de cadelas com piometra em um intervalo de 7 a 10 anos (MARCEU et al., 2011). Sabe-se que a elevada prevalência dessa enfermidade em cadelas idosas pode ser justificada pelo efeito cumulativo prolongado e repetitivo de estimulação da progesterona durante fase lútea do ciclo estral nesses animais (MARTINS et al., 2002). Esse fato justifica uma maior prevalência de cadelas adultas a idosas acometidas por piometra em nosso estudo.

No entanto, nesse trabalho verificou-se também a presença de piometra em cadelas jovens. Dados da literatura mostram que a utilização de contraceptivos como progestágeno para supressão do estro (SMIHT, 2006) ou de estrógeno para interromper a gestação (BOWEN et al., 1985), onde esse último aumenta o número de receptores de progesterona no útero (NELSON & COUTO, 1994), podem induzir piometra. Fato que poderia justificar os achados do nosso trabalho, sendo necessários maiores informações para confirmar a nossa hipótese.

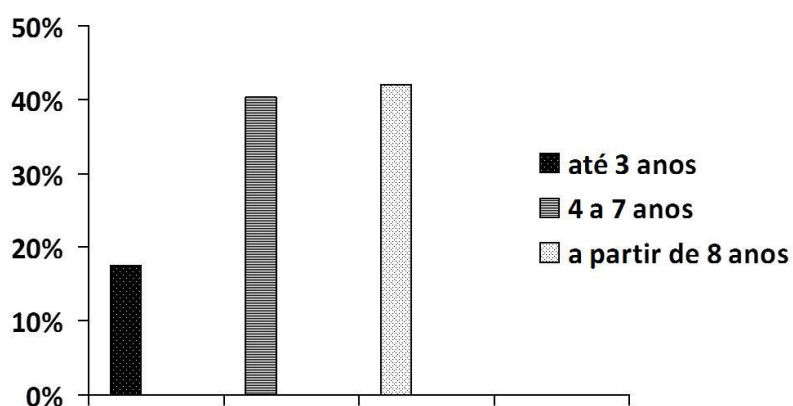


Figura 1. Distribuição do percentual de cadelas com piometra atendidas na UHV da UECE no período entre janeiro a agosto de 2012, conforme a idade.

Quanto ao tipo de piometra observada nas cadelas desse trabalho, verificou-se que a forma mais prevalente foi a do tipo aberta, com quarenta e seis cadelas apresentando secreção vaginal, indicando um percentual de 80,71% (Figura 2). Resultado semelhante foi encontrado em um estudo realizado em Teresina, Piauí, onde se observou um percentual de 70% de cadelas com piometra aberta diagnosticadas no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Piauí, no período de dezembro de 2007 a julho de 2008 (EVANGELISTA, 2009). Essa prevalência elevada de piometra do tipo aberta pode ser justificada pelo fato de que ela é mais fácil de ser identificada pelo proprietário, levando o mesmo a procurar auxílio veterinário e, conseqüentemente, elevando os números estatísticos dessa enfermidade na clínica veterinária (GORRICHIO et al., 2011).

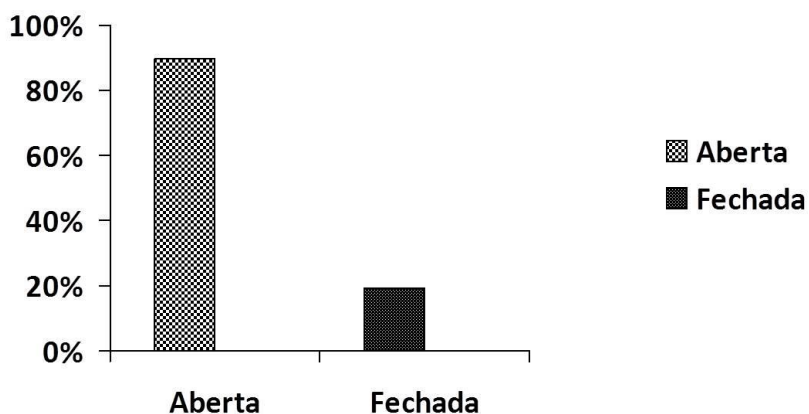


Figura 2. Distribuição do percentual de cadelas com piometra atendidas na UHV da UECE no período entre janeiro a agosto de 2012, conforme o tipo de piometra

Quanto ao resultado observado nesse trabalho referente a utilização de contraceptivos nas cadelas diagnosticadas com piometra, verificou-se que a maioria delas não fez uso dessa medicação, perfazendo um percentual de 64,92% (Figura 3) e um percentual de 35,08% que fizeram uso. Resultados semelhantes foram descritos na literatura, onde em um estudo observou-se que apenas 26% dos animais com piometra utilizaram contraceptivos (LUCAS et al., 2001). Esse fato pode ser justificado por um aumento na conscientização de proprietários por veterinários durante o atendimento clínico no qual os

proprietários são informados quanto aos efeitos adversos no uso de contraceptivos (MARCEU et al., 2011). Atualmente também é uma realidade na medicina veterinária o desenvolvimento na área reprodutiva de animais de companhia buscando o bem-estar animal associado a manutenção da integridade do sistema reprodutor, dessa forma, minimizando ao máximo o uso de contraceptivos. Fato que poderia também justificar os nossos achados.

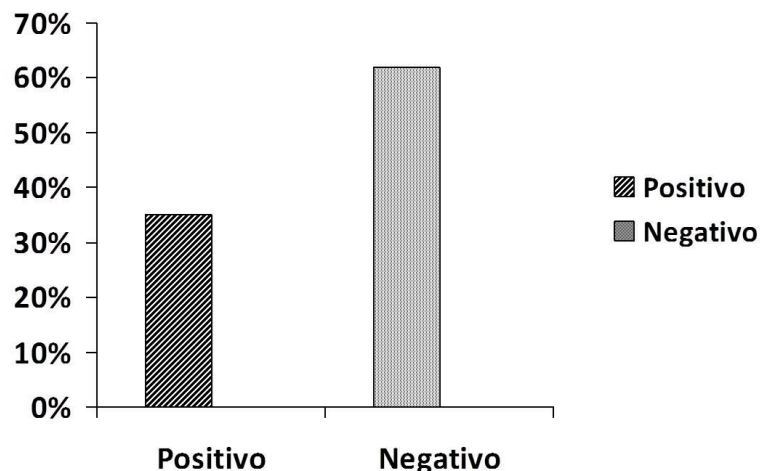


Figura 3. Distribuição do percentual de cadelas com piometra atendidas na UHV da UECE no período entre janeiro a agosto de 2012, conforme o uso de contraceptivos.

Sabe-se que o uso de contraceptivos aumenta o número de receptores para progesterona noútero, contribuindo para ocorrência de hiperplasia endometrial cística (SMITH, 2006). Fato que pode ser confirmado também por De Bosschee et al. (2001) onde estudando cadelas sãs e com piometra observaram maior número de receptores para progesterona na parede uterina dessas últimas. Nesse trabalho, dentre as cadelas que foram submetidas à terapia com anticoncepcional, foi observada uma maior frequência da doença em fêmeas jovens, contribuindo com 80% dos casos (Figura 4). Esse achado corrobora com os dados da literatura, onde a administração de progestágenos foi responsável por um maior número de casos de piometrite em cadelas, principalmente em jovens (JOHNSON, 1994; PRESTES et al., 1991). Esse percentual pode ser justificado pelo fato de que a incidência da utilização de contraceptivos é maior em animais jovens. No entanto, dados mostram também que a piometra é o resultado de uma interação entre fatores hormonais e fatores infecciosos (VERSTENGER et al, 2008). A progesterona reduz a atividade leucocitária

uterina (SMITH, 2006) e o estrogênio favorece a contaminação bacteriana através da abertura da cérvix e aumento dos receptores de progesterona, potencializando o efeito do mesmo (MAX E JURKA, 2006).

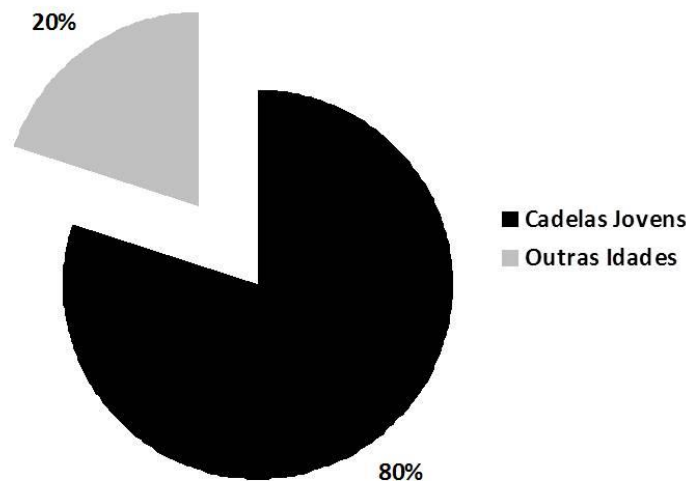


Figura 4. Distribuição do percentual do uso de anticoncepcional em cadelas jovens em relação as demais idades. Em cadelas com piometra atendidas na UHV da UECE no período entre janeiro a agosto de 2012

CONCLUSÃO

Conclui-se nesse trabalho que a piometra em cadelas atendidas no UHV é uma realidade na rotina clínica, principalmente em cadelas adultas a idosas, sendo a do tipo aberta mais prevalente. O uso de contraceptivos nessa população foi mínimo, no entanto, foi considerado um fator patogênico para o desencadeamento dessa enfermidade, principalmente em cadelas jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWEN, R.A.; OLSON, P.N.,BEHRENDT, M.D.; WHEELER, S.L.; HUSTED, P.W.; NETTE, T.M. Efficacy and toxicity of estrogens commonly used to terminate canine pregnancy. Journal of the American Veterinary Medical Association, New York, v. 186, n.8, p.783 - 788, 1986.

COUTO, R.W.; NELSON, C.G. Distúrbios da vagina e do útero. In: Medicina interna de pequenos animais. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. p.681-684.

DeBOSSCHERE, H., DUCATELLE, R., VERMEIRSCH, H., BROECK, V.D., CORYN, M.. Cystic endometrial hyperplasia-pyometra complex in the bitch: should the two entities be disconnected? Theriogenology. New York, v.55 n.7, p.1509-1519, 2001.

EVANGELISTA, L.S.M. Alterações clínicas e laboratoriais em cadelas com piometra antes e após ovariossalpingohisterectomia. Teresina – PI, 2009. 43f. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, PI, 2009.

FELDMAN, E.C.; NELSON, R.W. Canine and feline endocrinology and reproduction. 2th ed. Philadelphia: WB Saunders Company, 2006. p.605-619.

FIENI, F. Patologia de los ovaries y el utero. IN: WANKE, M. M.; GOBELLO C. Reproducción en caninos y felinos domesticos. 1.ed. Buenos Aires: Intermédica editorial, 2006. p.75-89.

GILBERT, R. O. Diagnosis and treatment of piometra in bitches and queens. The Compendium on Continuing Education for the Practicing Veterinarian, v.14, n.6, p.777-783, 1992.

GORRICHIO, C.M.; CAMPOS, A.G. Ocorrência de piometra em cadelas atendidas nas clínicas veterinárias no município de Ituverava/SP no primeiro semestre de 2011. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Graça-SP, n.18, 2012.

HENDRIX, C. M. Procedimentos Laboratoriais para Técnicos Veterinários. 4 th ed. Rio de Janeiro: Roca, 2006. p. 524- 527.

JOHNSON, C.A. Hiperplasia endometrial cística/piometrite. In: NELSON, R.W.; COUTO, C.G. Fundamentos de medicina interna veterinária de pequenos animais. 1.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994. 737 p.

LUCAS, S.S.; OLIVEIRA, A.L.L.; SCHOSSLER, J.E.W. Piometrite em cães e gatos : revisão de 103 casos. Revista da Faculdade de Zootecnia, Veterinária e Agronomia de Uruguaiana, Uruguaiana-RS, v.7/8, n.1, p.123-131, 2001.

MARCEU, R.H.; LOPES, M.D.; KANEKO, M.C.; VOLPATO, R. Levantamento retrospectivo dos diagnósticos de piometra associado à erlichiose canica. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP, 2011, Disponível em: <http://prope.unesp.br/xxii_cic/ver_resumo.php?area=100043&subarea=12085&congresso =30&CPF=22844510809> Acesso em: 03 jun. 2012.

MARTINS, L. R. et al. Correlação entre a ocorrência de piometra em cadelas nulíparas e múltiparas submetidas ou não ao tratamento com anticoncepcionais. In: MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Botucatu., 6., 2002, Botucatu. Anais... UNESP, 2002.

MAX, A., JURKA, P. Adverse effects after administration of gestagens in dogs and cats. Journal Medycyna Weterynaryjna, Lublin. v.62, n.5, p.508-511, 2006.

NELSON, R.W., COUTO, C.G. Fundamentos de medicina interna de pequenos animais. 2 th ed. Rio de Janeiro: Rocca, 1994.p.486-488.

NISKANEN, M.; THRUSFIELD, M.V. Associations between age, parity, hormonal therapy and breed, and pyometra in finnish dogs. Veterinary Record, Londres, v.143, n.18, p.493-8, 1998.

PRESTES, N.C.; LOPES, M.D.; BICUDO, S.D.; OBA, E.; VULCANO, L.C.; LANGONI, H.; KOHAYAGAMA, A. Piometrite canina: aspectos clínicos, laboratoriais e radiológicos. Semina, Londrina, v.12, n.1, p.53-56, 1991.

ROOTWELT, A. V.; FARSTAD, W. Treatment of pyometra in the bitch: A survey among Norwegian small animal practitioners. European Journal of Companion Animal Practice. Bruxelas, v.16, n.2, p.195-198, 2006.

SHAW, D.; IHLE, S. Medicina interna de pequenos animais. 1th ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 465-467.

SMITH, F. O. Canine pyometra. Theriogenology. Nova York, v.66, n.3, p.610-612, 2006.

VERSTEGEN, J.; DHALIWAL, G.; VERSTEGEN-ONCLIN, K. Mucometra, cystic endometrial hyperplasia, and pyometra in the bitch: Advances in treatment and assessment of future reproductive success. Theriogenology. Nova York, v.70, n.3, p.364-374, 2008.

WANKE, M.M.; GOBELLO, C. Reproducción en caninos y felinos domésticos. 1 th ed. Buenos Aires: Intermédica editorial, 2006. p.309-315.